N.º 132 (3.º)—(254)—5.º ANNO Quinta-feira, 22 de Maio de 1913 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA

ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO nas Officinas Graphicas do Jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successordo jornal XUÃO Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 81

PERPETUA VISÃO

O' maldita! Porque não deixas de me perseguir!?

Entrevista com o tristemente celebre João Franco de gloriosa memoria para a talassaria indigena

Cá — D'aqui á fronteira. Em Biarritz. A' procura dêle. Emfim sós. — Chatisfeitichimo. — A etiqueta d'hotel. « — Au revoirs e mercis»

(CONCLUSÃO)

— A chua inexperada begita deixa-me churpreendido. Figeram-me chair do meu paije e ijolei me aqui de todosje osje jornalistas de Portugal e do estrangeiro. Masje o jornal de Bocha exchelenchia mereche a minha conchiderachão por cher chempre um inimigo leal e chinchero. Que prechija, poije, de mim?

— Como V. Ex.ª sabe deram se ha pouco uns incidentes politicos no nosso paiz e o chefe do actual governo tentou reprimil-os por uma forma que fez com que a opinião publica se lembrasse dos tempos em que V. Ex.ª conservava as redeas do poder no seu ultimo ministerio. Até o jornal de maior circulação em Portugal continental, ilhas, provincias ultramarinas, Brazil, Asia, America e Oceania, perguntava, exprimindo essa opinião, se V. Ex.ª estava novamente no ministerio do Reino, perdão, do Interior.

— Do reino, do reino, diche bem. Poisje que é écha forma de gobernar chenão uma monarquia chem rei? Achim cumo quando eu fui prejidente do conchelho Portugal era um reino chem monarquicos, agora é uma Republica chem republicanos.

— Pelo que vejo V. Ex.ª está bem inteirado do que se passa em Portugal.

— E' claro. Leio os chornais e alguns amigos, que chão *muito republicanos*, dão-me noticias do que por lá che fazje.

— Então que me diz V. Ex.ª aos ultimos acontecimentos?

— Eu lhe digo; estou bingado. O Afoncho, quizje imitar-me; masje, coitado, não tem a minha embergadura e fazje toliches que o dejacreditam e, o que é másje grave, fagem com que o paije vá parar perto.

— Quer dizer: V. Ex.ª não gosta da maneira de vêr do Afonso?

— Bêr, não; ele tem pouca bista e até uja lunêta; masje agora tem-nas empoeiradasje de maneira que bê tudo turbo. Imagine que com a falta das lunetasje confundiu osje que ele agora tchamou conspiradoresje com badiosje e fe-los martchar.

— Mas isso não foi uma medida acertada?

— Schim, não ha dubida. Fezje como as crianchas que, á falta de forcha, cherbem-che da astuchia.

— Perdão; mas V. Exª tambem quiz mandar gente para Timor e, se não mandou, não foi por falta de vontade.

— E' berdade meu amigo; masje eu tibe alguma côja de diferencha. Mandei forchar um decreto e arruxtei com tempextadesje e conchequenchias, mostrei a forcha d'elrei, nocho amo...

— Perdão, de V. Ex.ª...

— ... e não fizje, como o meu imitador e amigo, que mostrou a fraqueja do cheu poder.

— Mas isso custou a vida ao rei. E assim?...

— Chim, chua majeschtade chofreu as conchequenchias, masje morreu no cheu poschto digna e honrojamente...

— Mas nada lucrou directamente o país com o sacrificio de todas as vidas nessa tarde.

— Ora echa! Que eu dicheche icho, pachaba, masje que cheja o chenhor a diche-lo é que admira. Então che num tibechem morto eche Carlosje tinha benchido a Republica?

— Talvêz sr...

— Conchelheiro, diga que num me jango.

— Pois bem vá lá: — Sr. Conselheiro talvez a republica se implantasse mais cedo se V. Ex.ª continua a estar á frente dos negocios publicos.

— Esjtá enganado, meu amigo. Eu num cheguei a pôr em ejecuchão as minhas medidasje. Oh que che a côja dura maisje um anito era eu o Marquezje de Pombal do checulo binte. Masje deixa-lo. Sche o meu amigo Afoncho, che num esquecheu dasje lichões que lhe dei, é capazje de fager muito peor do que eu.

— Diz V. Ex.ª que é amigo do sr. Afonso e que lhe deu lições?!

— Chim, admira-she. Poisje cabaquiabamos muito, dabamos os nochos pacheios de bracho dado e até che diche que ele entraba para o meu partido. Che num introu foi porque num quizje.

— Não sabia isso. Mas quer V. Ex.ª dizer-me o que pensa ácerca das medidas do governo a proposito do movimento de 27 d'abril?

— Homem, cha lhe diche que ichtou chatischfeitichimo por bêr que ischtou bingado e nada maisje lhe pócho dicher. Bai tudo munto bem poisje chá lá num ischtá o Xuon Franco qui era á peschte. Masje eschtá lá outro qui é pior. O chenhor não chabe aquele ditado: «atrazje de mim birá quen bom me fará?»

Poisje é o que che eschtá a realisjar. Eu e osje meusje partidariosje dedicadosje eschtamos a bater palmasje de contentesje.

— Mas disse-se que V. Ex.ª ia novamente entrar na politica activa do nosso país e que enfileirava no partido republicano?!

— Em qual delesje?

— No genuino.

— Todos elesje disjem que teem o chenuino programa do belho partido?! Eu tambem chá fisje icho quando me cheparei do Hintje e, por morte deschte, o Camposje Henriquesje, o Teixeira de Chouja e o Bilhena tinham todosje e cada um a berdadeira bandeira e os chenuinos princhipiosje do partido reschenerador. Masje a berdade é que eu nun facho falta em Portugal. Ha por lá muito Xuon Franco e muito pior do qu'eu. O que bejo é que comecham a ter chôdades de mim. Cha me átcham bom. Poisje bão bibendo por lá que eu bibo por cá chem cher incumudado chenão pelos chenhores monarquicos e hôche pelo meu amigo.

A propojito deixe-me felichitá-lo pelas caricaturasje que chempre fijeram de mim. Schim schenhor, o cheu caricaturischta apanhou-me bem. Chulgo tambem que nun ha maisje ninguem cum tal remoinho no cruto da cabecha que me fazje trager chempre osje cabelosje em pé. E desde que fui prejo em Chintra então, nunca maisje vieram ao cheu lugar.

— Visto V. Ex.ª estar nessas disposições de mais nada dizer sobre os acontecimentos, queira desculpar-me...

— Nun tenho de quê, meu amigo. Bá bibendo e bá bendo, que lhe nun faltará quê.

E pronunciando estas frazes estendia-me a seca e nervosa mão. — Pache munto bem. Dejejo que facha bôa chornada.

— A's ordens de V. Ex.ª que estou certo me desculpará esta visita curiosa imposta pelo meu dever.

— Ora écha. Chão osje ochos do oficio,

— Sem mais incomodo, sr. conselheiro...

— Adeusje!!

E afastamo-nos dos principescos aposentos pensando na gloria intima que se lia na fisionomia do ultimo chefe do governo do rei Carlos. Tomamos alguma coisa num casino e após um pequeno passeio fomos para o nosso quarto do hotel pôr em ordem as notas tomadas e que apresentamos ás nossas encantadoras leitoras e aos nossos simpaticos leitores. Ai credo! Que massada! Uff!

Mudamos de colarinho, trocamos os botões dos punhos para poupar um par, vestimos a casaca e tomamos o nosso logar na opulenta e opipara mesa de jantar na vastissima e suntuosa casa de jantar do hotel. Jantamos, preparamos a pequena mala, pagamos a despeza e entre *au revoirs* e *mercis* tomamos o comboio que de novo nos vomitou na Lisbia amada onde se vive com muito melhor sol mas com muito mais pelintrice.

Baixinho

Parece que d'esta vez é que o padre Farinha é promovido a bispo, segundo dizem alguns jornaes.

Com aquella altura não é bispo, é bispote...

A REPUBLICA

III

Se anceia a Liberdade um povo inteiro
durante imensos anos e a alcança,
ao ver realisada a sua esp'rança
dará por ela o alento derradeiro.

Deve fazer-se armar em cavaleiro
vir pelo mundo fóra, em riste a lança,
p'la dama divinal de loira trança,
e dum olhar ardente e feiticeiro.

Porem se a Liberdade um povo obtem
e a furia das paixões sómente o invade
atraiçoando até a Patria mãe,

Embora a violencia não te agrade,
para lhe dar's um bem e p'ra teu bem,
retira do teu lema a Liberdade!

K K. To

É permanente!

Já se falla n'uma guerra entre os Estados Unidos e o Japão.

Que diabo! Estas nações são peiores que os politicos de Portugal! Andam sempre á tapona!

IMPOSSIVEIS

— O *Dia* deixar de *engraxar as botas* ao Dr. Cunha e Costa.

— O deputado Alvaro Pope consentir que alguem faça troça d'elle.

— Os thalassas deixárem de se atirar ás canellas de Teixeira de Sousa e Ferreira do Amaral.

— O Dr. Brito Camacho lavar cuidadosamente os seus delicados pésinhos.

— O *tio* Jacintho Nunes, ilustre Pae da Patria deixar de ter sangue na guelra.

— Nosso Senhor Jesus Christo fasêr as pases com Nosso Senhor Affonso Costa!

NOTA — Nos *Impossiveis* do ultimo numero sahiram não poucas *gralhas*, motivádas pêla pressa com que o Sr. Revisor viu as provas.

Os leitores que desculpem estas faltas, pois que o rapaz não tem culpa, visto andar maluco por causa de uma morêna de olhos azues...

No entanto eu é que pago as favas, pois que alem de me ficar transtornado o sentido das palavras, o Sr. Revisor faz da minha secção *Impossiveis* um verdadeiro arraial de gralhas e gralhinhas!!...

Lambisgoia.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

PENDENCIA

Ill.mos Srs. França Borges e Alvaro Pope, meus presados amigos. — Não me conformando com a attitude que o Ex.mo Sr. Fundo de defêsa naval tem, ultimamente, preparado contra mim, peço a V. Ex.as a finêsa de procurarem esse senhôr, a fim de resolverem a questão como melhor entendêrem.

De V. Ex.as, etc.,
Affonso Costa.

Ill.mos Srs, Deputados, officiaes de marinha. — Tendo sido procurado pelos srs. França Borges e Alvaro Pope, como representantes do sr. Affonso Costa, peço a V. Ex.as a finêsa de se avistarem com esses senhôres e de resolverem a questão como acharem conveniente.

De V. Ex.as, etc.,
Fundo de defêsa naval.

ACTA I

Aos tantos de tal de novecentos e tantos, reuniram-se n'um canto da Camara dos Deputados os srs. França Borges e Alvaro Pope, como representantes do sr. Affonso Costa, e os srs. deputados, officiaes de marinha, como representantes do sr. Fundo de defêsa naval. Pelos primeiros signatarios foi dito que o seu constituinte, vendo que o sr. Fundo de defêsa naval permanecia n'uma inacção assustadôra, não fazendo nem deixando fazêr, não gastando nem deixando gastar cinco réis, se julgava offendido, tanto mais que o sr. Fundo, ante algumas perguntas, encolhêra os hombros n'um movimento de desdem. Responderam os segundos signatarios que, tratando-se d'um Fundo de defêsa, rapidamente tomavam a defêsa do Fundo. E mais allegaram, em defêsa do seu constituinte, que emquanto o pau vae e vem folgam as costas, isto é, emquanto o fundo é fundo, o dinheiro está certo, o que não aconteceria se fosse para o fundo, que é como quem diz, se fosse lançado para o rol das despezas. Como os primeiros signatarios, em vista de terem tomado café ao almoço, não comprehendessem lá muito bem estas deducções, marcou-se nova reunião para tantos de tal e mais um de novecentos e tantos, no mesmo logar.

França Borges
Alvaro Pope.
Officiaes de marinha,

ACTA II

Aos tantos de tal e mais um de novecentos e tantos, reuniram-se no mesmo canto, os abaixo assignados. Foi dito pelos primeiros signatarios que o seu constituinte estava cada vez mais fulo com o fundo, que a sua vontade era cortar-lhe os orgãos respiratorios e que havia de paga-las caras. Para asseverar esta especie de raciocinios, o segundo signatario pespegou trez murros na mêza e pisou os callos n.os 7 e 16 do primeiro signatario. Em trez tempos e quatro movimentos, levantaram-se os segundos signatarios para afirmarem que o seu constituinte não vergava nem a pau e que, se o sr. Afonso Costa saisse fóra do *texto*, apanhava tal saraivada de batatas que se via maluco.

Em vista de não se chegar a um accôrdo, assentou-se que entre ambas as partes se daria um encontro pelas armas. E mais se combinou que o duello seria á arma branca e se realisaria ao outro dia, no estrado da presidencia, para não ser na estrada da Ameixoeira.

França Borges.
Alvaro Pope.
Officiaes de marinha,

ACTA III

Aos tantos de tal e mais dois de novecentos e tantos, effectuou-se o duello. Ambos os combatentes foram energicos. O sr. Affonso Costa combateu á esquerda. Em compensação, o Fundo sempre direito. Por fim, em virtude da rigidez e firmêza do Fundo, o sr. Affonso ficou desarmado. Os adversarios reconciliaram-se no campo... da politica. E, tendo resolvido a questão com honra para ambas as partes, assignamos a presente acta.

França Borges.
Alvaro Pope.
Officiaes de marinha,

*

O que se está passando actualmente entre senhorios e inquilinos já se previa desde que foi publicada a nova lei da contribuição predial. Calculámos que o augmento de contribuição que d'ahi em deante pesava sobre alguns senhorios (os mais ricos) havia de redundar em magnifico negocio para estes eminentissimos e agiotissimos cavalheiros. Não nos enganámos. Ha menino que, tendo-lhe sido augmentada a contribuição em vinte mil réis, não tem pejo em sobrecarregar os inquilinos com mais cem ou dusentos mil réis de renda.

Que fasêr, em face de tal attitude? Uma coisa muito simples. Exigir do governo a revisão da lei do inquilinato, a fim de lhe serem introduzidas algumas modificações, muito especialmente na parte que diz respeito a casas de habitação. Falla-se em resistencia, em grève de inquilinos. São coisas irrealisaveis. O melhor meio é a segurança pela lei, para o que é preciso modificá-la quanto mais depressa melhor. E *O Zé* cá está de atalaya para o que dér e viér.

*

Temos, cá em casa, uma avó torta que é *uma-alha* para collecionar boccadinhos de jornaes que lhe dão no gotto. Corta, recorta, dá gomma em todos os boccadinhos e pespega-os n'um livro grande que tem, escrevendo por baixo de cada rectangulo de papel o respectivo commentario.

No domingo estava ella de bom humôr. Poz os oculos, empunhou a tesoura e n'esse dia foi *O Mundo* o sacrificado. O primeiro boccado de prosa a ir para o livro foi este:

«O paiz caminha excellentemente, sem «que os cães, ladrando, detenham a sua «marcha».

Commentario da avó:

«Em indo outro substituir o sr. Affon«so Costa, desapparecerão os cães?»

Outro pedaço que foi cortado e collado foi o seguinte:

«As facadinhas jesuiticas d'*O Dia* «e as asneiras de outros borra-botas «da imprensa não conseguem pertur«bar nem empanar a grande obra, «etc., etc.»

O commentario da velha seguiu-se immediatamente:

«Não quero de forma alguma irmanar-me com *O Dia* porque é jornal que não leio e a que não dou attenção. Todavia, como é provavel que, segundo o criterio cego d'*O Mundo*, eu tambem entre na lista dos *borra-botas* da imprensa, atrevo-me a declarar que, quanto a botas, prefiro borra-las a lambê-las...»

E' damnada o diabo da velhota! Sabem quem ella é? E' a nossa modesta opinião...

*

Ha dias, n'um electrico, observámos o seguinte curioso dialogo, travádo entre dois *snobs* que frequentam as conferencias ultra-republicanissimas do azul, verde, branco e vermelho sr. Cunha e Costa.

— Sabes uma coisa?

— Conta lá.

— Descobri porque deu na venêta ao Affonso Costa acabar com os cinco réis.

— Descobriste?!...

— Já te disse, homem! Vê lá se adivinhas.

— Quer-me parecêr que foi no intuito de facilitar...

— Qual facilitar nem qual carapuça! Foi porque o Rodrigo Rodrigues lhe pediu que o fizésse, para vêr se se acabava, assim, com a moda de recortar a cabeça do D. Manoel e pô-la em alfinetes de gravata.

— Serio?!...

— Podes crêr!

Não pudêmos ouvir mais porque se apearam.

*

Ainda bem que a comissão de finanças (quando se trata de moedas de cinco e coisas correlativas a comissão pode botar sentença) emittiu parecêr semi-desfavoravel, é o termo, ácêrca do projecto que extinguia as moedas de cinco. E dizêmos ainda bem porque, a não sêr franqueada, unicamente para o Estado, a suppressão dos elegantes e historicos *guines*, as classes populares soffriam um enorme prejuizo nas compras de todos os objectos, cujo prêço fosse de cinco réis ou de outra quantia acabada em cinco. E senão, vejamos alguns dos objectos que seriam affectados com tal medida:

As estampilhas.
Os pucaros de barro.
Os massinhos de palitos.
Os pãesinhos para sandwichs.
O mel coado.
As esmolas.
As *surpresas* dos garotos.
Os sorvetes idem.
As pevides.
Os rebuçados d'Alteia.
O Mundo e o *Noticias*, á tarde.
Etc. Etc.

Como vêem, muitas coisas. E não nos referimos ás qualidades de estadista do sr. ministro do interiôr, porque essas, segundo dizem para ahi, não chegam a valêr cinco réis...

Sonho Dourado

E' um dos melhores restaurants-cervejarias da feira de Santos. Artistica e bem installada, esta barraca está destinada a ter, como frequentador, um publico escolhido. Bom trato, delicadeza de pessoal e, sobretudo, acepipes de traz da orelha, que mais é preciso para o *Sonho Dourado* pôr uma nota de successo naquelle agglomerado de barracas?

Agradecemos o convite que nos dirigiram para a inauguração.

TOME LÁ MAIS ESTA!...

— O' mestre! Cá vem mais uma para lhe deitar gaspeas e meias sólas!
— Mau, Maria! Eu ainda estou á brocha com esta e já vocês me querem ental com essa!...

NA FEIRA DE SANTOS

Impressões de um visitante que se viu grêgo para percorrêr de lez a lez a enormissima extensão que afeira abrange

Depois de ter ingerido dois bifes, quatro ovos e meio kilo de pão resolvi fazer a travessia da feira de Santos, afim de a examinar em todos os seus detalhes.

Eis, gentis leitoras e barrigudos leitores, o que eu lá vi digno de nota:

Sonho Dourado — Restaurant pachola, onde por preços modicos se comem excelentes petiscos. A creadagem d'esta segunda edição do *Tavares Rico*, trata os freguezes por V. Ex.ª...

Maria Botas — Comes e bebes de 1.ª qualidade. Instalação luxuosa. Delicadeza extrema do pessoal que, como em nenhuma outra parte, é muito instruido. Todos os creados falam francez e tocam piano na perfeição!!...

Machadinho—A especialidade d'esta casa é a bella di a lula de caldeirada e os soberbos coelhos á caçadora *avec* batatinhas!...

Alhambra—Imitação um nadinha inferior ao Moulin Rouge, de Paris. Esgrouviadas donzellas dançando o tango e anemicas *altistas* pulando o chifarote inglez. Além d'isto exhibe umas fitas encantadoras, verdadeiramente de traz da orêlha!

Julia Mendes — Sempre fresquinho... este theatro devido ás duas duzias de ventoinhas que tem dentro, a trabalharem com uma velocidade de 990 milhas á hora!

Salão Ideal e Music-hall — Dois animatografos com fitas comicas e dramaticas. O 2.º tem um orgão colossal e o 1.º um grupo de musicos muito bem enroupados e que toca na perfeição a *Avé Maria de Gounod!*

Fantoches — São aos cardumes os theatros de fantoches. N'estas populares casas de espectaculos, onde se faz arte a valer, custa a entrada a insignificante quantia de 20 réis, dois centavos. Quem não tem cabeça não paga nada. Os coxos e os mancos pagam só quinze réis!

Sardinhas e pimentos — Em varios e confortaveis taboleiros encontram-se innumeras sardinhas, com os olhos arremelgádos. As casas que teem d'esta iguaria superfina vendem tambem uns deliciosos pimentos que, segundo me afirmam, fazem comichões no ceu da boca!

Carroussel. — E' um dos melhores divertimentos da feira. Por uma modica quantia anda uma pessoa uns dez minutos a cavallo ao som de um *Pum cata pum!* ..

Bazares. — São ás duzias. E' n'elles que se vendem uns pifaros de folha muito engraçados e quejandos objectos de sublime arte...

Kiosques. — Tambem lá os ha em grande profusão. Todos elles vendem cervêjas, limonadas, capilés de avenca e roliços pirolitos de varias cores!...

Cabeça do Touro. — Antiga cervejaria, que, por determinação do seu dono, vae passar a chamar-se: *Albergue dos Jornalistas Inválidos*...

Barracas de farturas. — Existem umas trez, luxuosamente instaládas. Em qualquer d'ellas se vende um superior sumo da uva, que serve para acompanhar as tão celebres farturas, de que Camões se esqueceu de falar nos seus bem metrificádos *Luziadas!*...

Cafés cantantes. — Ha uns poucos, todos elles muito lindos e engraçados. N'uns tabládos luxuosos exibem-se umas *salerosas*, que chegaram a Portugal, precedidas de uma grande fama mundial. N'estas casas por uns reles tres centávos obtem-se uma deslumbrante chicara com... odorifera agua de lavar castanhas!... Alem de todas estas lindas coisas a feira tambem possue elegantes carreiras de tiro e uma original barraca de madeira onde se vendem uns bens confeccionados bilhêtes rectangulares. Disse-me um amigo que esta barraca se chama o *Apeadeiro de Santos!!*...

*

Eis, resumidamente gentis leitoras e barrigudos leitores, o que é a nunca assaz cantada Feira de Santos...

Luiz Ferreira
(Lambisgoia)

Maia

Recebemos uma carta que nos dá noticias de um masmarro que parochía a freguezia de Milheiroz, concelho da Maia.

Esta alma de Satanaz é, como o jesuíta Luiz Lêna, desrespeitador de tudo que sejam leis republicanas.

Na freguezia mencionada acima, existem pessoas que já não vão na *fita* religiosa; foi por isso que o *pápa-Christos* Domingos Gonçalves de Sá, não accrescentou o Sá..., vendo a egreja abandonada pela maior parte dos seus parochianos, disse que não confessava ninguem porque respeitavam as leis do novo regimen.

Alguns rapazes lá da localidade lembraram-se de tocar tambores e gaitas de canna atraz do padreca, quando este ia pedindo o folar de casa em casa.

O jesuita endiabrado lá da terra pozse como uma cobra e pediu a alguns fanaticos para lhe guardarem o Christo...

Pobre fantoche, filho de Maria! Foi guardado por muito tempo pelos cerebros bestialisados, tendo-se primeiro munido de enxadas, paus, foices e outras coisas que taes! Parecia mais um prisioneiro que uma divindade.

Pois se este *cagarola* da christandade tem poder immenso, porque não se guardou a si proprio? Fazia melhor figura, como Deus e o padre não passaria por tão bruto.

Chacon Siciliani.

Mais um!...

Rosnam os prophetas e os entendidos que vae crear-se um partido *republicano* conservador, com antigos monarchicos.

Mais um programa para inglez ver...

MINEIRO

Condenado a sofrêr nas minas tenebrosas
Não te afagam, do amor, as rosias quiméras ...
Brilha pelo azul o sól das primavéras
E cantam nos choupais as aves venturósas...

Vicejam os trigais de espigas luminósas
E tu; ó velho heroi, que no trabalho impéras
Nessa noite sem fim já de remotas éras
A minar, a minar as hulhas preciosas?...

O corpo semi-nu a rastejar o dorso
Envolto no carvão, na vil passividade,
A' luz do teu candil no atróz subterranio:

Sempre escásso de pão, sem luz, sem liberdade!
E por premio afinal, de tão brutal esfôrço,
Um dia fende o chão e te esmigalha o cranio!

Porto, 1913

Salvaterra Junior

Se é!...

Diz a *Capital*:

«Ser grande potencia não é ser nação dirigente.»

Ora!.. Que o diga a D. Fernanda que foi tourear a Algés...

Coliseo dos Recreios

Termina na segunda-feira a epocha lirica que este anno tão brilhante tem sido que a a sua frequencia quasi triplicou a dos annos anteriores. Para os ultimos espectaculos prepara a empreza programmas surprehendentes, de forma que o publico ficará sempre lembrado da opera do Coliseo em 1913.

O *Adamastor*, depois de andar a vapor, lá foi *á vela*... Ha quem atribua o desastre ao enguiço do comandante pertencer ao grupo do Brito Camacho...

— As zaragatas estão na massa do sangue dos deputados. Até entre os proprios correligionarios ha pegadilhas, como ainda sucedeu na segunda-feira ultima, entre o Simas Machado e o Alvaro Pope.

— Disseram-nos que o Affonso Costa ia largar a pasta das finanças. Isso larga ele: — já não sae d'ali sem deixar o contribuinte reduzido a osso e sem tutano...

— Em Lisboa, ha nada menos do que tres associações de imprensa. Pois nem uma só protestou contra as violencias de que teem sido victimas alguns jornaes. Mas, quando precisam deles, dirtgem-se-lhes de chapeu na mão... Para cá veem de carrinho...

Dizem que o Brito Camacho, quando esteve agora no Porto, bichanou com o Duarte Leite. Deveria ser por isso que se sentiu um fedor de tombar quando este professor entrou, no outro dia, na Academia Politecnica...

— Alguns patriotas, que supõem o tesoiro publico atafulhado de oiro, andam a pedir uma grande esquadra de combate que meta num chinelo as das grandes potencias! Essa é mesmo de cabo de esquadra!...

— O Antonio Zé está cada vez mais neflibata. Agora até quer organisar um centro na lua...

Bacteriologista.

CANCIONEIRO

Se a evolução tenho em vista,
e desejo pôl-a em scena,
só serei ev'lociunista...
se *Ele* cortar a *melena*.

K K. To.

Monarchia ou republica

Lemos ha dias, este folheto, cujo auctôr, o sr. F. F. Dias de Sousa, n'elle faz algumas considerações sobre o movimento de 27 de abril. São deseseis paginas escriptas com sensatêz e independencia de caracter.

Agradecemos os exemplares offerecidos.

De mão beijada

Commenta André Brun, no seu interessante artigo que, com este titulo publicou na *Capital* de 18, o facto, deveras raro no nosso mesquinho meio social, de um individuo que foi levado ao tribunal por ter beijado a mão de uma dama casada, sendo absolvido pelo juiz que presidiu á audiencia.

Este caso, que para muitos foi motivo de galhofa, e talvez de insinuações velhacas para os quatro personagens da scena romantica, a mulher, o juiz, o réu e o marido, foi para André Brun, e é para mim, o r·surgir de um passado amoroso, de um passado de gentilezas perante a mulher sempre devinamente bella, e sempre encantadoramente adoravel.

Aos olhos do juiz que ousou arrastar com a maledicencia de uma sociedade vilmente grosseira, esse criminoso de nova especie ergueu-se alem do nivel debatido das questões de tribunal... porque foi o heroe de um pedaço de tarde, o heroe de uma galanteria carinhosa, de um preito de maior homenagem á mulher, que nos merece a adoração pela sua graciosidade, pela sua formosura deslumbradora, pela beleza de todos os seus encantos.

O *facto* do Juiz perguntar *foi só isso?* deu logar a um protesto do esposo d'essa senhora.

Estranho protesto esse, que afinal bem andou o julgador na pergunta e na sentença, que o condenar-se alguem que beija, em plena rua, a mão de uma mulher, seria um atentado de lésa galanteria...

Não pretendo, para mim, as honrarias de galante... ou de continuador d'esse costume que os francezes ainda praticam, e é quasi uma recordação do tempo das cabeleiras empoadas, como diz Brun.

Mas confesso que é esse costume um habito que me agrada, e que pratico, dando-se ha dias um caso muito curioso n'um eletrico. Pousei os labios na mão de uma mulher que eu muito considero, e ali deixei um beijo, como homenagem á sua beleza e tambem como despedida. A senhora que recebeu esse beijo teve para a minha gentileza o melhor dos seus sorrisos, mas para os que assistiram ao meu gesto esse beijo foi o rastilho para a explosão de uma risada insolente, grosseira, desde o homem com pretensões a elegante — todos os que iam no carro... assim se julgavam — ás mulheres elegantes, companheiras da viagem... electrica!

E o beijo, que nada mais foi do que a homenagem á mulher, provocou em todos um enfadonho murmurio. . de pasmo!

Um carro eletrico?

Não! Aquillo era uma casa de malta... com arrieiros de colarinhos altos....

A prémio

Ás 9 e 30 da manhã de 20, atravessava o Rocio um luxuoso automovel levando na frente um vistoso correio de ministros.

Dentro do carro ia...

Ia... agora... uma... duas... tres...

Ia...

O sr. Arthur Costa, só, muito *ministro*... do seu nariz!!!

Vinicio.

Não sabemos se os nossos leitores conhecem uma **coisa** que em tempos tocava a sineta para arranjar dinheiro para uma instituição qualquer, que não sabemos em que ficou, e que a Republica agasalhou encarregando o Tabordinha de liquidações de artigos em litigio, entre o estao e uma certa outra **coisa** que d'qui foi banida

Pois fiquem sabendo que o Ex.mo Sr. Tabordinha, que ainda não concluiu o trabalho que qualquer homem honesto, faria em muito menos tempo, não permite que no palacio da Ajuda termule o pavilhão nacional, que segundo a opinião de Sua Ex.a seria um desacato.

Faça os comentarios quem dér importancia ao Ex.mo Sr. Tabordinha...

●

O Ex.mo Sr. João de Freitas (senador) queria um voto de sentimento do povo Portuguez, por se ter partido um dente á roda da engrenagem da fabrica onde se fazem os traidores á patria e onde **todos** os meios são bons para se chegar á maior gloria de deus.

Tenha paciencia **irmãosinho**, não ha pão cosido!

●

Os tentões disem dos Portugueses todo o mal que podem, e como suprema injuria, chamam-nos povo de mulatos.

Nós não somos da côr do chocolate com leite, mas se o fossemos, não desejariamos possuir rostos rosados ou palidos das florestas do norte, pois que é preferivel a cára preta com a alma branca, a ter os vicios e costumes que cá em Portugal estavam a ser postos em ensaios pelo bispo de Beja.

●

Não ha portuguesinho algum que não saiba o costume muito nosso de mandar ao estrangeiro os artistas que entre nós se tornam mais ou menos distinctos, com boas prebendas, á custa do erario nacional.

Está entre nós um pianista de primeira grandeza, mas que para viver desafogadamente tem de ir para o estrangeiro ensinar a sua arte.

Qual a rasão porque se não **paga** ao Sr. Viana da Mota para ensinar em Portugal como se toca piano, suprimindo-se os subsidios para passeios á **estranja?**

●

O Polytheama que é um theatro monumental e particular vê-se crescer a **olhos vistos.**

Junto ao edificio da direcção das obras do porto de Lisboa, anda em construcção uma minuscula obra por conta do estado; em cada dia cresce a decima milionesima parte de um centimetro.

Aquilo é que são homens!!!

●

Os moageiros dizem que não ha trigo e serem precisos 70 milhões de kilos para as necessidades da panificação. Está provado que a importação não prejudica ninguem; por que se não faz?

Altos misterios que algum dia se saberão.

Depois digam ao governo que é mister manter o principio da auctoridade.

E' sim senhor, mas quando cada um cumpre o seu dever.

●

Na nossa qualidade de bichinho alado, fomos viajar por desconhecidas partes do globo terraquio, indo pousar as nossas plantas **onde a mão do homem ainda não poz o pé,** e ali ouvimos as lamentações d'um burro, em liberdade, que fervorosa e religiosamente (estava de patas erguidas e reunidas, tal qual o costume dos catholicos em oração), pedia a Deus que novamente lhe mandasse um dono, para lhe por no burrical focinho um pesado freio que lhe não permitta pensar ou fazer, senão o que o **seu senhor** quei.ra e manifeste desejo.

Para conhecimento dos nossos leitores, tornamos publico que o Ex.mo Sr. Dr. Cunha e Costa, na sua conferencia da liga do carapau, **affirmou** que os alliados balkanicos venceram os Turcos, pela sua grande fé religiosa, etc., etc.

O' Exm.o Sr. Cunha e Costa, não acha que será fé de mais?

Nossa (ou vossa) Senhora d'Agrella lhe dê claridade ao espirito, e, já que tanto aperta, sempre lhe diremos que, **quantos menos vultos, mais claridade.**

Luz, luz a jorros, embora **se tenham de deitar as paredes abaixo,** para escangalhar os ninhos aos morcêgos.

Não está de accordo, Exm.o Sr. Doutor?

●

O Exm.o Sr. Alfredo Pimenta diz na «Republica», de 17, que os direitos em ouro são o «non plus ultra» das medidas financeiras de qualquer estado.

Porque não discutem já o projecto existente no parlamento e, em vez d'isso, só cuidam do obstrucionismo?

Do mesmo eminentissimo senhor, em 18:

... Mas as barbaridades do ministerio da justiça, essas, andam na bôca aberta de todos os alarves ....

Com sua licença!

Vamos contar uma historia ao inseparavel do padre Mattos.

Ha já um bom par d'annos que, no tribunal da Boa Hora, um juiz queria obrigar ao juramento religioso um livre pensador que, offendido na sua consciencia e dignidade, se recusou a satisfazer o capricho do agente de Loyola. Este, exasperado, vociferou:

— Então o que é você?

O jurado respondeu:

— Sou um negociante, e não sou catholico.

— Nesse caso é uma bêsta, porque, quem não tem religião, é um burro — replicou o juiz.

— Sim, senhor juiz, eu burro e V. Ex.a catholico — retorquiu o inolvidavel passarinheiro.

Gargalhada no auditorio.

Ponha a carapuça, esclarecidissimo redactor do «Portugal» da rua Garrett, revm.o sr. Alfredo Pimenta.

Abelha Mestra.

A CANDIDO TORREZÃO

A caveira

Beijei-te, a procurar as sensações
da morte! Se esta vida em que me oculto
trasborda fel, domina o proprio insulto
da bocca impura das degradações;

e nos teus ossos frios as convulsões
do meu sentir deixei, na fé sem culto
de amar o nada em que o pensar sepulto
esquecido este assombro de illusões!

Fulge n'um instante, em ultimo lampejo,
um clarão que deslumbra, e ainda vejo
n'essas cavas profundas do mysterio...

e em busca d'essa luz, d'esse esplendor,
fui buscar-te com a minha propria dôr
á mortal solidão do cemiterio!

22-5-913.

André Deed.

ENSAIOS D'APURO

THEATRO

O' Espinhosa, levaste o *homem* para o Porto?

— O' Martha, tudo aquillo foi um successo.

— A Rita Pavão já está escamada com tanta má lingua.

— A revista dos *homens* já está aceite.

— O Lambisgoia está radiante de contentamento.

— A Perpetua está encantada com os *rapazes.*

— Ahi pá! E' uma terceira Solsona...

— Então Eugenia já não ha mais taximetro?

— Tudo que é bom se acaba!

A. R.

O ZÉ no theatro

— Que a empreza do COLISEO termina os magnificos espectaculos da companhia de opera irrevogavelmente a 26, apresentando-se até lá em mais alguns espectaculos a distintissima cantora Maria Judice da Costa.

— Que as noites do AVENIDA com o «Alerta» decorrem n'uma alegria infinda, ajudando sempre muito a simpatica actriz cantora Emiliana Salgado. Na «Generala» estreiar-se-ha Etelvina Serra.

— Que a serie de espectaculos da extraordinaria artista Italia Vitaliani no REPUBLICA tem decorrido no meio dos maiores aplausos aos soberbos artistas de tão bella tournée.

— Que o NACIONAL pondo em scena os «20:000 dollars» tem novamente um filão inexgotavel a explorar, pois a peça alcançou o successo da primeira vez.

— Que o APOLLO, que na epocha de verão será explorado por uma companhia que como primeira figura femenina tem a inteligente artista Palmira Torres, actriz de destaque no nosso meio theatral, dará as ultimas recitas d'esta epocha como o «Sonho dourado».

— Que o «Querido Agostinho» na TRINDADE continua muito querido do publico.

— Que no GYMNASIO agradou em cheio a engraçadissima comedia «Paraizo conjugal» levada á scena em pleno successo da «Conspiradora».

— Que no MODERNO a oppereta «O diabo no convento» tem compensado a empreza, preparando esta uma revista engraçadissima.

— Que no DO POVO o «Ahi! pá!!» bate o successo do «Sempre fresquinho». Ora não estivessem lá as manas Solsonas,

ANIMATOGRAPHOS

FOZ — Variedades e fitas.

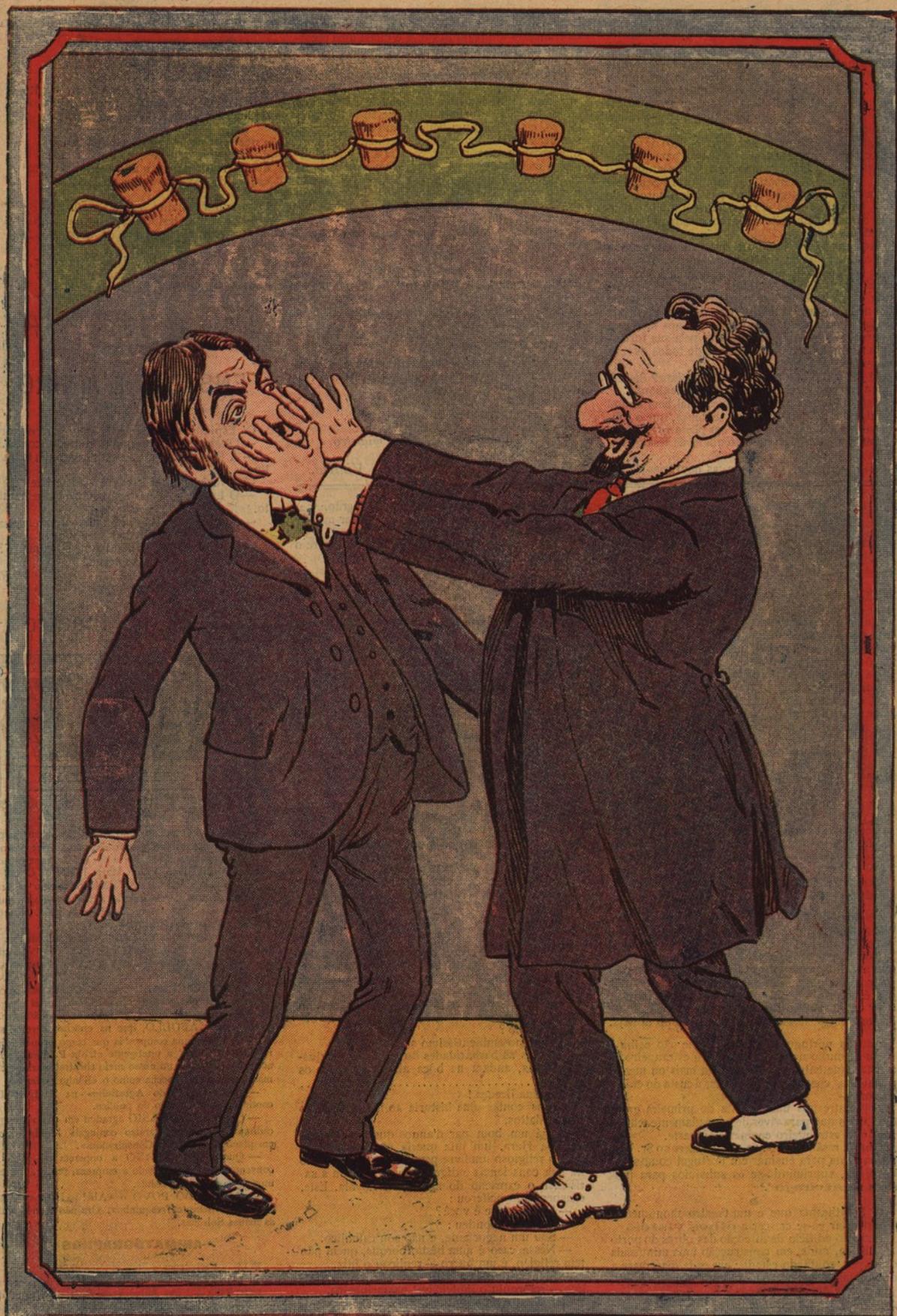
TRINDADE — Concertos e fitas de primeira ordem.

LORETO — Fitas falladas de fazêr rir um guarda-nocturno ás 5 da manhã.

OLIMPIA — Dramas impressionantes e fitas comicas.

CENTRAL — Fitas capazes de desenvolverem uma epidemia de tosse na assembleia com o riso.

TERRASSE — Fitas da maior novidade.

CÁLE-SE!

—O' parafuso! Por alma dos teus defuntos, não digas mais asneiras!...